



<https://doi.org/10.51880/ho.v28i1.1462>



“O partido tomou conta de mim”: o enquadramento da memória de Dirce Machado

Martha Rebelatto*

ORCID iD 0000-0001-7575-1480

Instituto Federal de Minas Gerais, campus Betim, Minas Gerais, Brasil

Paula Elise Ferreira Soares*

ORCID iD 0000-0001-7856-6176

Instituto Federal de Minas Gerais, campus Betim, Minas Gerais, Brasil

Resumo: Neste artigo analisamos como a cultura política comunista conformou a identidade da militante Dirce Machado e tem influenciado suas formas de narrar sua trajetória junto ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e junto à Revolta Camponesa de Trombas e Formoso. Por meio da análise de entrevistas e de um documentário, busca-se investigar o processo de enquadramento da memória elaborado ao longo do tempo pela militante, processo que foi motivado pelo desejo de enaltecer o partido e a ideologia comunistas. O artigo evidencia como a dedicação de Dirce Machado em se tornar a guardiã da memória da revolta camponesa contribuiu para a construção de uma performance, de uma narrativa e de uma identidade como uma mulher comunista.

Palavras-chave: Mulheres. Cultura Política Comunista. PCB. Revolta Camponesa de Trombas e Formoso. Memória.

“The party took over me”: Dirce Machado’s memory framing

Abstract: In this article, we will analyze how the communist political culture shaped the identity of activist Dirce Machado and influenced her way of narrating her trajectory with the Brazilian Communist Party (PCB) and the Peasant Revolt of Trombas and Formoso. Through the analysis of interviews and a documentary, we seek to investigate the process of memory framing created over time by the activist, a process that was motivated by the desire to praise the party and the communist ideology. This article highlights how Dirce Machado’s dedication as the guardian of the peasant revolt memory shaped the

* Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com orientação do Prof. Dr. Douglas Libby. E-mail: martha.rebelatto@ifmg.edu.br.

* Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com orientação do Prof. Dr. Rodrigo Patto Sá Motta. E-mail: paula.elise@ifmg.edu.br.

construction of her performance, narrative, and identity as a communist woman.

Keywords: Women. Communist political culture. PCB. Peasant Revolt of Trombas and Formoso. Memory.

Em 16 de agosto de 2016, em Goiânia, depois de se despedir de um grupo de amigos que se hospedaram em sua casa, Dirce Machado recebeu uma das autoras deste artigo para conceder uma entrevista. Com a naturalidade e a tranquilidade de quem já havia se colocado diante do gravador incontáveis vezes, Dirce falou por mais de uma hora. Estava atenta às perguntas que eram feitas, mas as respondia se as julgava importantes.

Dirce Machado foi uma militante do Partido Comunista do Brasil (PCB)¹ dos anos 1940 aos anos 1990. No partido, ela foi deslocada para atuar no norte goiano, em uma região conhecida como Trombas e Formoso. Ali, no começo dos anos 1950, um grupo de posseiros enfrentava grileiros pela posse das terras que haviam ocupado. O deslocamento de Dirce Machado e seus companheiros comunistas foi uma das primeiras ações do PCB voltadas para o meio rural e já ali os militantes e posseiros foram envolvidos em uma luta armada muito singular.

Dirce Machado é a única testemunha viva entre os militantes comunistas que participaram da Revolta Camponesa de Trombas e Formoso e desde os anos 1990 concede entrevistas a pesquisadores, se apresenta em escolas de educação básica, participa de documentários, conferências, eventos acadêmicos e audiências públicas. Após décadas relatando suas vivências a diversos públicos e percebendo as reações geradas por suas histórias, Dirce Machado pôde dotar de significados os seus sofrimentos e suas ações, consolidando uma narrativa de si, para si e para os outros (Pollak, 1992, p. 5). Ao selecionar e ordenar acontecimentos que desejava compartilhar, a militante lapidou uma identidade, uma imagem de si que deseja ver publicizada (Pollak, 1992). Assim, nos interessa analisar as formas de narrar, lembrar e esquecer de Dirce Machado, dado que suas histórias de vida se tornaram “instrumentos de reconstrução de identidade e não apenas [...] relatos factuais” (Pollak, 1989, p. 6).

A identidade de Dirce Machado é sólida e resiste ao tempo, resultado de um

1 Em 1961, durante uma conferência nacional realizada em agosto, o Partido Comunista do Brasil passou a se denominar Partido Comunista Brasileiro. A alteração do nome teve como finalidade facilitar o registro eleitoral do partido e possibilitar a sua legalização. Isto porque, sob o pretexto de seu nome evidenciar tratar-se de uma facção do Partido Comunista da União Soviética no Brasil, o PCB havia sido colocado na clandestinidade. A tentativa de adequação à legislação nacional, contudo, falhou. Em 1962, o antigo nome Partido Comunista do Brasil foi apropriado por uma dissidência que deu origem ao PC do B, organização existente até hoje e que reivindica para si a origem histórica de 1922. Neste trabalho, privilegiaremos a análise da trajetória do partido que surge em 1922 e não conforma a dissidência de 1962.

processo de cristalização e de enquadramento de memória (Pollak, 1992, p. 6),² o qual vem sendo apropriado pela historiografia apenas como fonte sobre a revolta camponesa e a participação do PCB no evento. Entretanto, o discurso cristalizado por Dirce, ao expressar a sua subjetividade e uma intencionalidade narrativa, evidencia uma dimensão cultural da história do PCB ainda pouco analisada. Cultural porque o PCB, além de divulgador de uma ideologia (Motta, 2013), foi também vetor de um conjunto de valores, de um imaginário (Maffesoli, 2001), de um modo de ser, de pensar, de sentir e de agir que ultrapassava as orientações partidárias. Ao narrar a própria vida, Dirce Machado exibiu a força da cultura política comunista, capaz de resistir ao desmantelamento da URSS (1991) e à desarticulação do PCB (1992) para seguir conformando os modos de ser de sujeitos políticos no Brasil ao longo dos séculos XX e XXI. Nesse sentido, o processo de enquadramento da memória de Dirce evidencia a perenidade da cultura política comunista³ e reafirma o lembrar e o esquecer como processos nunca apenas individuais, mas, na mesma medida, sociais e coletivos (Halbwachs, 1990). Dirce fala de si, mas, ao falar de si, escolhe falar do partido, dos companheiros de militância e dos sonhos que fazem dela uma comunista até os dias de hoje.

A pesquisa apresentada neste artigo envolve três momentos de contato com a referida militante. O primeiro aconteceu ainda em 2006, quando um estudo sobre a Revolta Camponesa de Trombas e Formoso foi desenvolvido no âmbito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O segundo momento de nosso contato aconteceu em agosto de 2016,⁴ quando elaborávamos um estudo sobre o partido comunista, suas relações com as mulheres brasileiras – as militantes e as não militantes – e como a organização havia lidado com a questão feminina. Por questão feminina, os comunistas denominavam o fenômeno da desigualdade social, cultural, política e econômica existente entre os sexos nas sociedades, a qual gerava

2 A discussão feita por Pollak acerca do conceito de enquadramento da memória é realizada a partir dos trabalhos desenvolvidos por Henry Rousso, em especial “Vichy, le grand fossé”, publicado em *Vingtième Siècle*, n. 5, 1985. Já em “Memória, Esquecimento, Silêncio”, Pollak (1989) mobiliza o conceito e ajuda a difundir-lo no Brasil.

3 Por cultura política comunista compreendemos o conjunto de valores, de tradições, práticas e representações políticas partilhados pelo grupo de pessoas que orbitavam o PCB ou que passavam a se identificar com os modos de ser comunista. O uso do conceito nos ajuda a compreender a longevidade do comunismo e o motivo da influência da cultura política comunista transcender os limites das organizações partidárias. São traços principais desta cultura política a crença na razão, na ciência e no progresso, o anticlericalismo, a importância da educação, o internacionalismo, o culto à URSS, o anti-imperialismo, o antifascismo, o nacionalismo, a defesa da igualdade entre os sexos, a confiança na construção de um “novo homem” e uma “nova mulher” no contexto da implantação da “nova sociedade”. Em termos de valores, a cultura política comunista é conformada pela devoção ao partido e à causa revolucionária, pela valorização da coragem, a confiança no futuro e a defesa da justiça social. Para mais informações ver: Motta (2013) e Soares (2021).

4 Esta entrevista encontra-se depositada no acervo do grupo de pesquisa “História Oral e Mundos do Trabalho” do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (NHO-IFMG Betim), sediado no campus Betim do IFMG.

a subordinação das mulheres ao domínio masculino (Soares, 2021). O terceiro momento de contato com as formas de narrar de Dirce aconteceu quando constatamos o desaparecimento do arquivo da primeira entrevista. Recorremos, então, a entrevistas públicas concedidas pela militante e disponibilizadas na internet. Novamente, estava lá o mesmo fio narrativo, as mesmas histórias, acontecimentos, anedotas e, inclusive, a mesma performance narrativa (Amato; Hermeto, 2022; Bauman, 2014; Abrams, 2010), ou seja, uma forma particular de apresentar o discurso, de entonação de voz, de gestualidade e de vocabulário. A repetição do fio narrativo em entrevistas tão diversas indicava, como afirma Pollak (1989, p. 9), a existência de algum processo subjetivo que mereceria análise e investigação, além de evidenciar a existência de uma memória *a priori* (Hermeto, 2022), moldada e cristalizada antes mesmo da realização da primeira entrevista em 2006. Restava, então, analisar tal processo.

O PCB, a cultura política comunista e Dirce Machado: breve contexto

Nascida em 4 de setembro de 1934, em Rio Verde, Goiás, Dirce Machado viveu com os pais e o irmão mais novo, César, até 1946. O pai era pequeno produtor rural arrendatário e a mãe, dona de casa. Aos 12 anos Dirce teve contato com ideias e militantes do PCB, o que mudou sua trajetória de vida. A partir desse encontro ela passou a ser acolhida e cuidada pelo partido, tendo tido a oportunidade de estudar. Anos mais tarde, casou-se com um dos dirigentes da organização em Goiás, José Ribeiro, homem também de origem camponesa e integrante do Comitê Central do PCB. Juntos, em 1954, foram deslocados para atuar em Trombas e Formoso e auxiliar Geraldo Marques e João Soares, militantes que haviam chegado à região pouco antes.

A trajetória dos comunistas na Revolta Camponesa de Trombas e Formoso é interpretada de formas diversas na historiografia (Souza, 2009). Parte dos estudos considera que eles foram fundamentais para o amadurecimento político do movimento iniciado pelos posseiros para obter a posse da terra (Cunha, 2007). Outros defendem que a mobilização dos camponeses assumia conotações políticas de destaque antes mesmo da chegada dos comunistas (Abreu, 2002; Amado, 1993). Independentemente desse debate, todos os estudos destacam, ainda que de forma superficial, a especificidade da revolta no que se refere à conquista da terra e à mobilização feminina.

Em relação às mulheres, os estudos mostram que elas cuidavam das roças, dos filhos, dos doentes e feridos, além de cozinhar para alimentar todos e organizarem uma rede de comunicação que contava com a participação das crianças. Dessa forma, garantiram a sobrevivência dos moradores de Trombas e Formoso durante os anos da luta armada e chegaram a assumir piquetes em momentos marcados pela desistência masculina. Ao mencionarem tais ações, todos os estudos destacam a atuação de Dirce

Machado, inclusive porque as próprias mulheres da revolta a reconheciam como liderança.

O que estes estudos deixam de pontuar, entretanto, é o que teria motivado Dirce Machado a se dedicar à organização específica das mulheres na região. Específica, porque ela fundou uma célula exclusivamente feminina, sediada no Córrego do Sapato, uma das regiões do território de Trombas e Formoso. No norte goiano, todo o território foi dividido pelos comunistas e posseiros em sub-regiões, administradas por órgãos denominados Conselhos de Córrego, pequenas associações de posseiros que se reuniam na beira dos riachos que cortavam a região. A decisão de Dirce de organizar no Córrego do Sapato um conselho só de mulheres se aproximava da orientação do partido, em vigor desde pelo menos 1925, que definia que o trabalho político com as mulheres deveria privilegiar a criação de entidades específicas (Soares, 2021; Alves, 2020). O PCB defendia que sem a mobilização das mulheres o movimento comunista perdia força, tanto porque deixaria de lado parcela significativa da população quanto porque havia o imaginário que rondava o partido de que as mulheres seriam o grupo social mais suscetível às influências anticomunistas e conservadoras (Soares, 2021; Ferreira, 2002).

Afinada com a prática partidária, no Córrego do Sapato Dirce desenvolveu um trabalho de politização que envolvia o debate sobre o programa do PCB, os preceitos marxistas e a pauta pessoal, ou seja, importância de elas se insurgirem contra a violência doméstica que marcava suas vidas. Foi a partir do núcleo formado no Sapato que Dirce pôde conduzir um debate sobre igualdade de gênero, motivando, por exemplo, o julgamento daqueles que tinham comportamentos violentos e desrespeitosos. Os homens denunciados pelas mulheres de suas famílias ou apontados por outros moradores da região como praticantes de violência doméstica eram colocados perante todo o grupo de posseiros da região, eram repreendidos – sobretudo por Dirce Machado – e avisados de que tais comportamentos não seriam mais tolerados.

Em relação à luta pela igualdade de gênero, vários trabalhos têm evidenciado nos últimos anos que o PCB, desde sua fundação, entendia a temática⁵ como uma pauta comunista. Já em 1924 assumiu o compromisso, junto à Terceira Internacional (Goldman, 2014), de mobilizar as mulheres a aderirem às suas fileiras, bem como se comprometeu a pensar em ações específicas para as mulheres. As propostas comunistas, em alguns momentos, rivalizaram com as pautas feministas (Alves, 2020), mas isso não significou o descaso do PCB em relação às reivindicações específicas das mulheres (Soares, 2021). O partido se envolveu no debate sobre os direitos políticos femininos e encampou pautas das mulheres das classes pobres, como construção de creches, maternidades, vendas, escolas.

A estrutura de vida autônoma, baseada na solidariedade, igualdade e coletividade, construída pelos posseiros e comunistas em Trombas e Formoso (Braga, 2019) perdurou

5 Nomeada, no contexto, como igualdade entre os sexos.

até 1964, quando foi desarticulada pelas forças de repressão do regime político que assumiu o comando do país. As principais lideranças da região foram presas, fugiram ou acabaram desaparecendo. Nesse contexto, Dirce Machado, o marido, o irmão e demais militantes comunistas foram presos e torturados. Além disso, a partir de 1964 o PCB perdeu poder de influência junto à esquerda brasileira. Muitos militantes saíram das fileiras do partido para integrarem organizações que haviam escolhido a via armada para enfrentar a ditadura. De fato, a opção pela via democrática de ação custou ao PCB a hegemonia política que possuía. Nesse sentido, a queda dos militantes de Trombas coincide com as dificuldades do PCB e isso se reflete nos relatos de Dirce. Ela privilegia a época de destaque, em Trombas e no PCB, e pouco se detém sobre o contexto da ditadura e da redemocratização.

Com a redemocratização, a militante não abandonou o norte goiano. Filiou-se ao PMDB e concorreu ao cargo de vereadora em Formoso, alçado a município. Dirce foi líder do governo na Câmara, trabalhou para a implantação do primeiro hospital na cidade e defendeu investimentos em educação. Os anos 1980 e 1990 foram intensos para Dirce, mas não foram gloriosos para os comunistas. Por isso, sobre esse período a militante prefere não se deter e transforma suas narrativas num monumento ao período de ouro do PCB no Brasil.

O que lembrar: o roteiro definido

Quando convidada a falar de si, como mencionado, Dirce Machado parece seguir um roteiro organizado de forma cronológica, independentemente da intenção demonstrada por seus interlocutores. Com tom de voz firme, ela se impõe aos entrevistadores, sempre retomando sua estrutura narrativa conduzida por sua intenção política. Na entrevista de 2016, por exemplo, em toda oportunidade, ela procurava trazer a entrevistadora para o seu roteiro pessoal empregando expressões como: “Agora, eu queria contar para você”.

No documentário *Dirce, a força de uma camponesa*,⁶ toda a construção do roteiro se adequou à narrativa da militante. Os marcos cronológicos, as histórias registradas e a imagem transmitida parecem ter sido escolhidos por ela. Sua desenvoltura ao falar de si e do que viveu, o tom de voz confiante e destemido, a postura ativa e até sua capacidade de ridicularizar os momentos de terror conformavam uma performance narrativa (Amato; Hermeto, 2022) – ou seja, uma forma de dizer, de apresentar a

6 O documentário foi produzido por Ruth Carla Albino em 2019, no âmbito do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), e é composto principalmente por entrevistas realizadas com Dirce Machado. A obra conta, também, com algumas falas das mulheres que atuaram com a comunista no Córrego do Sapato e ainda estavam vivas. Todas as falas que compõem o documentário procuram compreender a vida e a personalidade de Dirce Machado funcionando como um monumento à militante, sobretudo, um monumento que consolida a narrativa que ela pretende inscrever na história.

narrativa – de dimensões cinematográficas.⁷ Efetivamente, um roteiro de filme sobre a própria vida já vinha sendo elaborado e “ensaiado” por Dirce há muitos anos.

A potência de seu discurso fica ainda mais evidente na performance apresentada durante a audiência pública organizada pela Comissão Nacional da Verdade. Seu depoimento se transformou em um verdadeiro espetáculo, prendendo a atenção de todo o público presente. Diante da plateia, formada majoritariamente por ex-integrantes da revolta camponesa e seus familiares, ela contou suas histórias, anedotas e sofrimentos. Detalhou o que entendia terem sido as injustiças impostas às pessoas de Trombas e Formoso e como a luta foi construída na região entre 1950 e 1960. Destacou os nomes das lideranças, em especial dos militantes comunistas, e destrinchou as violências praticadas pelo Estado brasileiro na região, sobretudo após 1964. Como quem rege a dinâmica de um programa de televisão, ela realizava pausas em determinados momentos para indicar ao público quando deveriam bater palmas, gargalhar ou demonstrar indignação perante suas histórias.

Em comum, a entrevista de 2016, o documentário e a audiência pública – assim como a entrevista ao *Memória Viva* – possuíam a adequação ao roteiro criado por Dirce Machado. Em todas essas oportunidades, ela escolheu começar a falar de si relatando as condições de vida durante sua infância no interior de Goiás. Se o entrevistador iniciava a conversa por outro caminho, ela insistia em apresentar essa como a primeira passagem a ser mencionada para que pudesse ser compreendida.

Na introdução que impõe, Dirce privilegia duas dimensões de sua infância: a exploração da família na fazenda de um parente latifundiário e o contato com o PCB aos 12 anos. Dirce destaca que o pai era explorado por receber uma remuneração injusta apesar do trabalho incessante, enquanto ela, o irmão e a mãe não eram sequer remunerados:

[...] eu tinha 11 anos. Eu ajudava como se fosse um adulto [...] Aí o patrão do meu pai, que era tio dele [...] era latifundiário. Explorava a família. Explorava mesmo. Aí a gente ia cozinhar para eles [...] meu pai era empregado dele, era meeiro. A gente trabalhava, plantava a roça, com todas as despesas por nossa conta. Depois do produto pronto, metade era do fazendeiro. E o que sobrava pra gente não dava pra gente continuar o resto do ano. Nos dias que não estava na lavoura, meu pai ganhava os dias trabalhados na fazenda, mas o que eu, minha mãe e meu irmão fazia pro fazendeiro, não tinha valor, não pagava, não recebia. Então, a nossa vida era assim. Eu achava tudo muito injusto. (Dirce Machado, 2016).

7 Segundo Amato e Hermeto, performance deve ser compreendida como “um laço vivo que conecta a narrativa e o evento num processo delicado de construção de sentidos” e narrativa, como a articulação entre elementos linguísticos (os propriamente verbais) e paralinguísticos (elementos da linguagem que comunicam sentidos, como o tom da voz, ritmo da fala, ênfases, gestos e assim por diante) na construção de formas específicas de lembrança/esquecimento por meio da oralidade (Amato; Hermeto, 2022).

Com entonação sempre severa e postura ativa, como de quem faz uma denúncia que não pode ser ignorada, a militante destaca sua origem humilde enquanto sugere aos ouvintes sua disposição para a revolta política: “Desde criança eu achava um absurdo aquilo. A gente trabalhava para morrer” (Albino, 2019).

Não sem propósito, Dirce Machado faz desse primeiro relato sobre sua infância um prólogo para a narrativa que procura apresentar em sequência e que trata de seu contato com as ideias comunistas. Usando frases de efeito para envolver seus interlocutores,⁸ ela revela que a primeira vez que ouviu falar de Luís Carlos Prestes foi no livro *O cavaleiro da esperança* (1942), de Jorge Amado. Ela conta que o tio-avô latifundiário havia se aproximado de um deputado comunista, Agenor Diamantino, eleito pelo PCB no breve período em que o partido pôde atuar na legalidade (1945-1947). Sem se aprofundar em análises sobre as contradições que se apresentam na trajetória do PCB goiano, Dirce diz que uma das estratégias do tio-avô para conseguir o apoio do deputado comunista era comprar livros que o partido publicava. Dessa forma, o latifundiário contribuía com recursos e, em troca, procurava garantir influência na Assembleia Legislativa de Goiás. Entre os livros que compunham a biblioteca do fazendeiro, estava a biografia do líder comunista.

Ela relata que encontrou a obra quando, após o PCB ter sido colocado na ilegalidade, o tio-avô lhe pediu para queimar os exemplares comprados de Agenor Diamantino. O latifundiário não queria manter provas de que havia tido relações com comunistas. Ao narrar seu sentimento enquanto cumpria a ordem, Dirce utiliza expressões como: “Pra mim era como se eu estivesse matando... cada livro uma pessoa” (Memória..., 2021); “parecia que eu estava matando” (Dirce Machado 2016); “cada um era uma personalidade que eu matava” (Audiência..., 2015). Nesse contexto, ela conta que um ato de rebeldia transformou seu destino:

[...] eu me encantei com um livro chamado *O cavaleiro da esperança*, de Jorge Amado. Enquanto eu queimo, eu vou olhando. E eu fiquei folheando, e me encantei mesmo com o livro. Aí foi um problema sério. Eu tinha que queimar. [...] A ordem era queimar e eu tinha que obedecer. Mas eu queria ler o livro. Aí eu pensei: ‘eu escondo o livro, depois eu queimo’. [...] Durante o dia eu ia lendo, folheando. Queimando os livros. [...] Eu escondia, à noite, o livro no paiol da fazenda e ia pra casa pensando nele. No outro dia, mais cedo, eu começava a queimar, começava a ler. [...] Eu começava a ler e a chorar [...] O sofrimento. A vida do Luís Carlos Prestes. A prisão da mulher, o negócio da guerra. Era um absurdo. E eu achava que era um conto de fadas, como era Chapeuzinho Vermelho, outra coisa. Não pensava que não era ficção. (Dirce Machado, 2016).

8 Agradecemos às estudantes Luiza Louback e Ana Júlia Sousa Marinho, que participaram da pesquisa desenvolvida junto ao grupo de pesquisa “História Oral e Mundos do Trabalho” do IFMG-Betim, entre outubro de 2020 e outubro de 2021, e que resultou neste artigo.

Com esse relato sobre a infância, a militante procura traçar o início do caminho que a levou a se identificar com as ideias, a moralidade, a forma de agir, as tradições, o imaginário e as formas de representar o mundo dos comunistas. Ou seja, sua identificação com a cultura política comunista (Motta, 2013; Soares, 2021). Com esses relatos sobre a infância como ponto de partida de sua história de vida, Dirce parece retomar uma estratégia narrativa bastante empregada pelos militantes do PCB para justificar a adesão às fileiras comunistas. Trata-se da metáfora que aponta para a existência de três fontes de sensibilização dos comunistas para a entrada no partido: o estômago, o coração e o cérebro. Segundo essa metáfora, alguns

[...] aderentes eram convencidos pelo cérebro, conquistados pela argumentação teórica e filosófica marxista; outros eram tangidos pelo estômago, ou seja, as necessidades materiais, a pobreza, e se identificavam com o comunismo na expectativa de verem sua situação social melhorar; já o terceiro grupo era tocado pelo coração, quer dizer, sua aproximação com a esquerda devia-se à força da sensibilidade. (Motta, 2013, p. 18-19).

Dirce Machado parece justificar que, primeiramente, teria sido preparada para receber o ideário comunista pelo estômago, para, em segundo lugar, ser tocada pelo coração.

De acordo com a narrativa de Dirce, ela estava tomada pela história de Prestes quando chegaram vinte militantes comunistas à fazenda onde vivia, decididos a promover ali uma reunião clandestina do comitê distrital goiano. Como haviam sido impedidos de se reunir em Rio Verde pelas forças de repressão, fizeram da fazenda do suposto ex-simpatizante seu novo abrigo:

Moral da história, passa um dia, minha mãe não estava em casa e eu estava com os três meninos pequenos. Minha mãe estava na fazenda vizinha, do Seu Nirio, fazendo farinha com meu pai. Me passa um homem lá, um tal de Antônio Cici, porque ele é gago. Falava Cicici até ele começar o que ele ia falar. [risos]. Distribuindo o jornalzinho *Vozes Camponesas*. A primeira página convidando para o aniversário do *O cavaleiro da esperança*. Aí eu olhei assim, e falei: ‘escuta, esse homem existe?’ Aí o Antônio: ‘existe’. E eu, pá, desmaiei. E eu achei que tinha ressuscitado uma pessoa. Tanta emoção que foi! [risos]. Aí me deram água, o Antônio era comunista, né, foi me ajudar a fazer almoço. Eu tinha que socar o arroz na mão, porque o mojito estava quebrado. Aí ele foi me ajudar a fazer almoço e tal. Esse Antônio achou que meu pai era comunista. Porque se uma... Se a filha estava tão focada no Carlos Prestes, porque ela não seria comunista? (Dirce Machado, 2016).

A descrição do desmaio parece ser uma das cenas mais importantes para a narrativa de Dirce Machado. Se a cada entrevista analisada nesta pesquisa a memória da militante oscila em relação ao nome do jornal comunista que trazia a notícia sobre Prestes –

ora ela afirma que era o periódico *Terra Livre*, ora o *Voz camponesa*⁹ –, seu desmaio é descrito de forma quase imutável. A precisão sobre o nome do periódico não é o mais importante para sua intenção narrativa, pois o que ela parece pretender é referendar sua identificação imediata com aquele que se tornaria um dos grandes símbolos do PCB e com os valores que o livro apresentava como fundamentais aos comunistas: companheirismo, solidariedade, coragem, determinação, desejo por justiça e igualdade.

Além da descoberta da existência de Prestes, a chegada dos comunistas, segundo Dirce Machado, teria lhe permitido ter contato com outras formas de ser, mais marcadas pela igualdade de gênero.¹⁰ A temática é sugerida quando ela procura destacar uma singularidade de Antônio Cici. Diferentemente dos demais homens com quem ela convivia na fazenda, o militante não se furtou a ir para a cozinha ajudá-la na preparação do almoço. Tal singularidade, Dirce parece justificar com a frase “o Antônio era comunista, né?”. Como já mencionado, a igualdade de gênero – que entre 1930 e 1960 é tratada pelos comunistas como igualdade entre os sexos (Soares, 2021) – é um valor que perpassa toda a narrativa de Dirce, sobretudo quando explica sua entrada no PCB.

Para explicar sua adesão ao partido, Dirce Machado conta que depois do contato com os militantes do PCB sua família foi expulsa da fazenda em que viviam. Mantendo-se solidários aos anfitriões, os comunistas, mobilizando meios legais, ajudaram o pai da militante a conseguir uma indenização. Esse processo teria inspirado a confiança dos pais dela no grupo de militantes, o que, somado ao fato de ela ter passado a ser hostilizada pelas demais crianças da região por ser identificada como comunista, explicaria como conseguiu autorização para ir morar com Colombina Baiocchi e o marido, ambos membros do PCB:

Agora, eu é que enfrentei um problema muito sério. Porque a mulher naquela época podia ser prostituta, alcoviteira, assassina, tudo era aceitável. Mas ser comunista? Era o fim da picada. [...] Tinha uns 12 anos. Aí nenhuma pessoa me aceitava, nenhuma menina brincava comigo. Eu fiquei excluída até da família do meu pai. (Dirce Machado, 2016).

Ao se mudar para a casa de Colombina, Dirce afirma que passou a integrar a Juventude Comunista e a ser educada – formal e moralmente – pelos quadros do PCB: “Eu não era política. Eu fui envolvida. O partido tomou conta de mim. Eu virei filha do partido. Todo homem era meu pai, toda mulher era minha mãe, eles me protegiam, me corrigiam. Era uma coisa fora de série” (Dirce Machado, 2016).

Em todas as oportunidades analisadas nesta pesquisa, Dirce destaca a importância da entrada no partido para sua educação. “Não existe faculdade maior que o partido

9 Ambos eram jornais publicados pelo PCB e voltados para o meio rural.

10 Entre os anos 1920 e 1960, os comunistas não utilizavam o conceito gênero, mas empregavam a expressão “igualdade entre os sexos”. Para mais informações sobre esse debate, ver: Soares (2021).

comunista” (Memória..., 2021). Além do acesso a debates políticos orientados pelas leituras de autores marxistas, jornais e materiais produzidos pelo PCB, ela afirma que foi envolvida por uma moral rigorosa que, ao contrário do que diziam os anticomunistas (Motta, 2002), combatia a promiscuidade, impunha a retidão, disciplina, firmeza de caráter e dedicação às tarefas partidárias. Para exemplificar o rigor moral do partido, narra o episódio de seu casamento com José Ribeiro, evento que precedeu seu deslocamento para a região de Trombas e Formoso. Segundo a militante, para se dirigir à região em conflito e assumir seu papel, ela, o namorado e o partido acordaram que era preciso, primeiro, garantir que a relação fosse oficializada. Foi aos dirigentes do partido que Ribeiro pediu a mão de Dirce em casamento e foram os militantes que a consultaram para saber se, por parte dela, havia consenso:

Aí ele na reunião falou as intenções dele, que queria namorar comigo, que queria casar. Aí me perguntaram a minha opinião, eu falei pra ele ‘olha eu não tenho interesse em casar. [...] Eu não quero que homem atrapalhe a revolução. Eu não sou mulher de cabresto, eu não aceito meia nem nos pés’. [risos].

Então, por isso é difícil achar um homem que aceite minhas condições. [...] E também se minha proposta servir, bem, eu não vou, por exemplo, se eu tiver de ir pra um lugar, eu só digo que eu vou. Não peço se eu posso. Essa palavra não está no meu vocabulário. Eu posso? Você deixa? Não está no meu vocabulário. Eu vou, eu faço. Não sei que horas chego, sou livre e independente. E também só vou parir o tanto de filho que eu der conta de criar, não vou precisar de ninguém para me sustentar não. E você só dá palpite daquilo que for da sua conta, o que não for não dá, não. [...] Ele aceitou! Eu era totalmente independente. (Dirce Machado, 2016).

Essa forma de contar lhe permite construir a cena em que se apresenta como uma mulher “verdadeiramente comunista”. Para Dirce, uma mulher verdadeiramente comunista tinha a revolução como seu dever primeiro, acima de qualquer interesse ou sentimento pessoal. Também era livre e não se submetia aos desígnios masculinos e patriarcais. Se o restante das mulheres da sociedade era subjugada, oprimida e dominada, a revolucionária encontrava no partido a inspiração para construir sua emancipação antes mesmo de consolidada a nova sociedade socialista (Soares, 2021). Contar sobre o casamento antes de começar seus relatos sobre Trombas parece ser fundamental para a militante. Seja porque seu deslocamento para a área em conflito aconteceu 20 dias depois da cerimônia no cartório, seja porque a forma como afirma ter se apresentado para seu pretendente ajuda o ouvinte a compreender o papel que ela viria a assumir entre as mulheres posseiras na guerrilha e no enfrentamento à questão feminina.

A confiança da militante em sua importância para a revolta de Trombas transparece nas expressões que utiliza para explicar por que o partido decidiu enviá-la para a região.

Assumindo um tom de voz debochado, ela destaca: "Não tinha outra Dirce" (Dirce Machado, 2016). O fato de ter origem camponesa, lidar com o trabalho doméstico, cuidar de doentes, da plantação e criação, em sua análise, tornavam-na capacitada para se infiltrar no meio dos posseiros e mobilizá-los para a luta: "Eu faço tudo!" (Dirce Machado, 2016). Se para muitas mulheres, na atualidade, tal acúmulo de funções poderia soar como injustiça de gênero, como vivência de uma jornada exaustiva, para Dirce significava a detenção de poder, de mais habilidades que a capacitavam para a ação política e a condução de um processo revolucionário. Como destaca Passerini (2011, p. 106), "o pertencimento de gênero pode significar coisas completamente diferentes para dois sujeitos envolvidos na entrevista". Para a militante comunista, ser um indivíduo capaz de conciliar a atuação pública com as tarefas privadas era uma demonstração de superioridade e preparo para a vida.

Mas, em Trombas, Dirce não mimetizou o comportamento e modo de vida das mulheres da região. Ainda que, segundo ela, a orientação do PCB fosse se aproximar dos posseiros para conquistar a confiança deles e, progressivamente, apresentar a plataforma do partido – o que ela sempre resumia como a estratégia de aplicar "o remédio sem falar o nome do médico" (Memória..., 2021) ou "fazer de tudo sem dizer a sigla" (Dirce Machado, 2016) –, Dirce afirmava que aparecia como "um bicho estranho" (Memória..., 2021), "diferente". Ela não procurava ser uma mulher como as demais. Usava os cabelos curtos, vestia calças, andava sozinha e sempre estava armada:

É, quando cheguei lá, as mulheres eram tão atrasadas, tão acorrentadas que elas não davam um copo d'água para uma pessoa que pedisse na casa dela. Se o marido não estivesse, não podia! Mandava uma criança, e elas ficavam olhando pelos buracos nas paredes, porque lá era tudo pau a pique. [...] Aí, ficaram assustadas! [...] Os homens me achavam bonita, perigosa. [...] Eu carregava um facão na cintura, vestida de calça. (Dirce Machado, 2016).

A chegada em Trombas é apresentada por Dirce como o momento do escancaramento da dicotomia entre ser uma mulher comunista e ser uma mulher, no caso, camponesa. Enquanto ela era livre para se locomover, se posicionar e demonstrava possuir consciência política, "a mulher camponesa, ela não tinha direito a nada" (Albino, 2019). Embora a militante saliente a realidade de trabalho e miséria de todos os posseiros que viviam na região, além de sua dificuldade em conduzir a luta contra os grileiros, o enfoque de sua narrativa recai sobre a condição de vida das mulheres. Segundo ela, a camponesa era ainda mais vítima do sistema de terras brasileiro porque, além da miséria e da exploração econômica, vivia a violência de gênero (Soares, 2021):

Dirce Machado – As mulheres eram muito servis [...] tinha homem que batia na mulher até ela abortar. Porque às vezes não queria que ela parisse [...]. Coitadas, as mulheres não comunistas só eram subservientes, escravas, só sabiam dizer amém.

Entrevistadora – A criação dentro do partido pregava independência? O que eles falavam para a senhora?

Dirce Machado – O negócio era o seguinte, a gente não se via inferior ao homem, em momento nenhum, de igual para igual.

Entrevistadora – Os homens da mesma forma?

Dirce Machado – Da mesma forma. Tanto em uma cozinha, se estivesse todo mundo na reunião, todo mundo lavava seu prato e seu copo, e ia para a cozinha e lavava a panela, não tinha esse negócio, não. (Dirce Machado, 2016).

Como exemplo do sucesso de sua atuação entre as mulheres, Dirce destaca, em todas as entrevistas analisadas, o momento em que ela e outras mulheres do Córrego do Sapato precisaram assumir os piquetes. Segundo ela, um elemento infiltrado pela polícia entre os posseiros teria tentado desacreditar sua liderança e a atuação de outras mulheres do Córrego do Sapato afirmando que elas seriam traidoras do movimento porque saberiam da articulação da polícia para entrar na região:

Aí a turma veio e depositaram as armas. Quando depositou, reuniu todo mundo, ficou a Joanelinha, a Josefa – que estava grávida –, a Carmina, aí eu falei assim: ah, a estrada não vai ficar aberta. Eu vou garantir a estrada. Peguei a minha arma, a lanterna e fui saindo. Aí a Carmina e a Joanelinha falaram: ‘eu vou também!’. A velha Leonília, os homens todos reunidos assim, disse: ‘Para aí!’. E nós paramos. Ela falou com meu irmão e o filho dela, que tinha 15 anos: ‘Ó Leontino, quem te pariu foi eu, pega teu pau de fogo e vai com as mulheres!’ Falou com a gente e o César: ‘Vai também! Tu também vai!’. Aí disse pra nós, ‘se eles afrouxarem o riacho – quer dizer, se ficarem com medo – mete bala na cabeça deles!’ [risos] [...] E ela pegou e falou pros homens: ‘Não estou desafiando vocês, não. Vocês estão enganados por dois jagunços contra o movimento. Nós já lutamos por 10 anos para garantir nossa tranquilidade e vocês estão traindo suas famílias. Vocês vão para casa, deitam a cabeça no travesseiro, fazem uma análise e veem o que vocês estão fazendo. Não estou hostilizando vocês’. A turma saiu tudo cabisbaixo e eu e as mulheres fomos para o piquete. (Dirce Machado, 2016).

Nesse episódio, as camponesas do Córrego do Sapato são apresentadas como mulheres que deixaram de ser servis para se aproximarem dos seus modos de ser “diferentes”. Segundo a militante, elas confrontaram os homens, demonstraram coragem e pegaram em armas. Assumiram a luta pelo justo, pelo companheirismo, pela solidariedade e dedicação política como marcadores de sua existência e, assim, nas palavras dela, “se tornaram comunistas” (Dirce Machado, 2016).

A adesão a esses valores que Dirce afirma ter inspirado nas mulheres em Trombas

e Formoso é a mesma que ela procura retomar ao descrever sua postura perante as violências impostas pela repressão após o golpe civil-militar de 1964 (Napolitano, 2014). Tais valores, como já mencionado, são estruturais para a cultura política comunista e reafirmá-los ajuda a compreender a escolha da militante por passar de sua narrativa sobre as ações das “células femininas” no norte goiano ao sofrimento infligido após a invasão da região.

Em todas as entrevistas analisadas, Dirce procura destacar sua reação às violências impostas:

Aí, eles pegaram e me chamaram de puta safada, que eu preferia ver meu marido e meu irmão picado de faca, mas não denunciava os meus amantes [...]. Mas, eu vendo meu irmão e meu marido espancados, a gente fica no auge do desespero. Aí, eles pegaram meu marido e o amarraram pelos pés, e falaram que iriam enforcar ele, e eu com a cabeça virada. [...] Aí, eles puxaram meu cabelo para olhar. Quando eu olhei, meu marido estava com os pés amarrados e com o sangue escorrendo no nariz, e as mãos no chão para sustentar o corpo, e os pés amarrados. Menina, me deu um desespero tão grande. Aí, sabe o que eu fiz? Eu dei a maior gargalhada que nem o capeta dava, e falei: ‘Eu nunca vi enforcar pelo pé’. Aí, eles se desmontaram [...]. Aí, eu ri demais, dei uma gargalhada grande, nunca vi enforcar pelos pés. [...] Aí, ele disse: ‘Eu não bato em uma puta safada dessa, porque me esbugalho’. Eu reuni toda força que eu tinha em um braço, que eu já não aguentava mais a tortura, e meti na cara do cabra que tava me torturando, e ele caiu. Aí, ele levantou e me deu um telefone, e eu desmaiei. (Dirce Machado, 2016).

Desse modo, ela reafirma aos ouvintes sua representação como mulher corajosa, determinada, que, segundo ela, nunca foi pega pelos inimigos “sentada, apenas de pé” (Memória..., 2021). Relembrando uma frase que se tornou clássica entre os comunistas de vários países e atribuída à militante espanhola Dolores Ibárruri, Dirce Machado mobilizava, mais uma vez, em sua fala, a cultura política comunista. Ibárruri se tornou uma heroína da luta antifascista na Espanha e ficou conhecida pelas frases “Não passarão” e “Mais vale morrer de pé do que viver de joelhos”. Durante a entrevista de 2016, Dirce reconheceu sua admiração por Ibárruri e, retomando seu bordão, ela disse: “mais válido morrer de pé do que viver de joelhos” (Soares, 2021).

Um aspecto mutável na narrativa de Dirce ao analisarmos as entrevistas foram os episódios escolhidos acerca das prisões que frequentou e das torturas que vivenciou e presenciou após 1964. Embora as passagens não fossem sempre as mesmas, a intenção narrativa se mantinha: reafirmar seu compromisso comunista. Todos os episódios narrados lhe permitem demonstrar sua coragem e reiterar que não sucumbiu ao sofrimento, mantendo-se firme para não repassar as informações que as forças de repressão buscavam. Portanto, independentemente da história escolhida, Dirce procura transmitir ao ouvinte a imagem de que é uma mulher sensível às dores do mundo, mas

firme como uma rocha.

Dirce encerra suas narrativas analisadas nesta pesquisa com relatos sobre a prisão e as torturas. Ainda que mencione que retorna à região de Trombas e Formoso nos anos 1970, mesmo com a ditadura militar em curso, ela não costuma se ater às experiências vividas a partir das décadas de 1980 e 1990, preferindo lembrar o período em que o PCB estava atuante, organizado, e no qual ela conseguia cumprir as tarefas para as quais era designada. Para além disso, sua memória se torna mais fluida e suas narrativas, menos impactantes.

O que esquecer

Como destaca Pollak (1992, p. 202), o processo de enquadramento da memória não é o único vivenciado por um narrador. Ainda que a memória possa ser atravessada por marcos, por pontos relativamente invariáveis, geralmente, ela é, sobretudo, seletiva, mutável, flutuante. No caso de Dirce Machado, se por um lado a militante apresenta uma narrativa muito sedimentada, quase invariável, que abarca desde episódios de sua infância até a vivência da ditadura militar, por outro, para além daquele período e das histórias já selecionadas, ela diz que não se lembra de muitos detalhes (Dirce Machado, 2016).

Não lembrar não significa que aquele que fala não atribua importância ao vivido. Da mesma forma, “o que se escolhe narrar não é a verdade, nem a vida em si de uma pessoa” (Rovai, 2017, p. 97). O lembrar e o esquecer parecem se relacionar mais às representações que dão sentido à vida do narrador (Bourdieu, 2006), àquilo que o ajuda a confirmar sua identidade, à forma como precisa se reconhecer no mundo, do que ao fato acontecido. No caso de Dirce Machado, o que ela parece esquecer são vivências de um período de sua vida em que o partido já não existia com a mesma força, assim como as nações comunistas desapareciam. Embora o PCB já vivenciasse uma enorme crise a partir de 1964, com a saída de muitos quadros que se desencantaram com a opção da organização por resistir à ditadura militar de forma pacífica e institucionalizada, foi em 1980 que ela se agravou, levando ao seu desaparecimento em 1992.¹¹ Além disso, a partir do fim dos anos 1990, a própria Dirce Machado deixou de ter uma atuação política sistemática. Diante desse cenário, é compreensível seu menor entusiasmo para narrar suas vivências, dado que elas não se adéquam tão bem às representações que a militante deseja partilhar sobre si mesma e o mundo.

Em relação a suas experiências no período pós-redemocratização, Dirce Machado

11 Para mais informações sobre a crise do PCB e a fundação do Partido Popular Socialista (PPS), ver o verbete no site da Fundação Getúlio Vargas - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (FGV-CPDOC). Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-tematicos/partido-popular-socialista-pps>. Acesso em: 9 abr. 2025.

se orgulha de contar que estava sempre em cima de um palanque, foi responsável pela fundação do primeiro hospital e da primeira escola da região de Formoso. Fora esses fatos, não possui relatos detalhados, anedotas inspiradoras ou personagens que faça questão de apresentar ao ouvinte.

Durante o processo de redemocratização, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), depois PMDB, progressivamente ganhou conteúdo oposicionista, como nos fala Marieta Ferreira (2004), e vários deputados eleitos pelo MDB tinham algum tipo de ligação com o PCB. Naquele contexto, a militante também optou por se filiar ao PMDB para concorrer a um cargo político. A região de Trombas já vivia um cotidiano normal, ainda que perpassada pelas lembranças da luta e do sofrimento imposto pela repressão. Ribeiro, marido de Dirce, procurava lidar com as sequelas físicas e emocionais deixadas pela tortura, enquanto outros militantes comunistas de Goiás haviam desaparecido ou deixado a atuação política. Dessa forma, os anos 1980 e 1990 não permitiam a Dirce Machado construir uma narrativa que mantivesse um tom otimista, marcado pela vitória de um projeto de justiça social e pela confiança em um futuro melhor, ainda que tenham ocorrido conquistas sociais importantes, como as mencionadas anteriormente. Nesse ponto, a narrativa de Dirce parece perder a dimensão exemplar e inspiradora tão imprescindível para um narrador comunista.

Conclusão

Durante a entrevista concedida em maio de 2021 aos militantes jovens do partido que retomou a sigla PCB, Dirce Machado, aos 87 anos, destacou sua felicidade em se juntar à nova geração de “camaradas”. Após ouvir militantes históricos e estudiosos comunistas enaltecendo sua contribuição às lutas sociais no Brasil, ela destacou seu assombro diante do contexto político contemporâneo do país, que descreve como marcado pela retomada do autoritarismo e das injustiças. Sua contribuição, diante daquele público ouvinte, foi não apenas oferecer, mais uma vez, sua narrativa de vida, uma arma política destinada a despertar o ânimo e o otimismo, mas também deixar seu maior conselho: “mantenham-se junto ao partido que assim vocês vão bem” (Memória..., 2021).

Para Dirce Machado, falar de si significa falar, em primeiro lugar, do PCB, destacando o que ela pôde se tornar depois de se juntar às fileiras do partido: uma mulher destemida, determinada e profundamente identificada com as lutas por justiça social. Para ela, foi devido ao partido que assumiu uma consciência política que refinou a revolta experimentada desde a infância, o que viabilizou sua forma de ser independente, disruptiva e livre. No partido, Dirce afirma ter consolidado seu modo de ser marcado pela igualdade em relação aos homens e pela emancipação pessoal, identidade que,

posteriormente, teria viabilizado suas ações junto às mulheres do Córrego do Sapato, em Trombas e Formoso, e a teria preparado para enfrentar as violências impostas pela ditadura militar. Assumindo o papel de guardião da memória dos militantes do PCB enviados para o norte goiano e dos camponeses que se envolveram na revolta, a militante segue difundindo suas memórias como quem não desiste de lutar pelo que considera um mundo melhor.

Referências

- ABRAMS, Lynn. *Oral History Theory*. Londres: Routledge, 2010.
- ABREU, Sebastião. *De Zé Porfírio ao MST: a luta pela terra em Goiás*. Brasília: André Quicé Editor, 2002.
- ALBINO, Ruth Carla. Dirce, a força de uma camponesa. *Ruth Carla*, 26 jun. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RZD8jOtWkEI>. Acesso em: 14 abr. 2025.
- ALVES, Iracélli da Cruz. *Feminismo entre ondas: mulheres, PCB e política no Brasil*. Tese (Doutorado em História) – UFF, Niterói, RJ, 2020.
- AMADO, Janaína. Eu quero ser uma pessoa: revolta camponesa e política no Brasil. *Resgate*, Campinas, v. 4, n. 5, p. 47-69, 1993.
- AMATO, Gabriel; HERMETO, Miriam. Entre a História, as estórias e os gestos: performance narrativa em entrevistas de história oral. In: ROVAI, Marta; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). *História oral como experiência: reflexões metodológicas a partir de práticas de pesquisa*. Teresina: Cancioneiro, 2022. p. 165-194.
- AUDIÊNCIA Pública Trombas e Formoso: Dirce Machado da Silva. *Comissão Nacional da Verdade*, 5 jun. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gUW88-45xo>. Acesso em: 14 abr. 2025.
- BAUMAN, Richard. Fundamentos da performance. *Sociedade e Estado*, Brasília, n. 29, n. 3, p. 727-746, 2014.
- BRAGA, Pauliane. Experiência camponesa de Formoso e Trombas (1950-1964). In: SCHWARCZ, Lília Moritz; STARLING, Heloisa Murgel (Org.). *Dicionário da República: 51 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. *Ebook*. p. 113-122.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.
- CUNHA, Paulo. *Aconteceu longe demais: a luta pela terra dos posseiros em Formoso e Trombas e a Revolução Brasileira (1950-1964)*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.
- FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do Mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói: Eduff; Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. Vozes da oposição: ditadura e transição política no Brasil. In:

SEMINÁRIO 40 ANOS DO GOLPE: DITADURA MILITAR E RESISTÊNCIA NO BRASIL, Rio de Janeiro, 2004. *Anais...* Rio de Janeiro: 7 letras, 2004. p. 183-191.

GOLDMAN, Wendy Z. *Mulher, Estado e Revolução*: política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936. São Paulo: Boitempo, 2014.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Vértice; Revista dos Tribunais, 1990.

HERMETO, Miriam. Jota Dangelo em dois movimentos: performance narrativa como repetição e ruptura. In: HERMETO, Miriam, AMATO, Gabriel, DELLAMORE, Carolina (Org.). *E 68, hein?*: performance narrativa em história oral. Belo Horizonte: Fino Traço 2022. p. 35-62.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 8, n.15, p. 74-82, ago. 2001.

MEMÓRIA Viva: Dirce Machado e o compromisso revolucionário. *Jornal O Poder Popular*, 5 ago. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QJZBAEiQcEw>. Acesso em: 14 abr. 2025.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A cultura política comunista: alguns apontamentos. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá; NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo (Org.). *Comunistas brasileiros*: cultura política e produção cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 15-35.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho*: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva; Fapesp, 2002.

NAPOLITANO, Marcos. *1964*: história do regime militar brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014. *Ebook*.

PASSERINI, Luisa. *A memória entre política e emoção*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SOARES, Paula Elise Ferreira. *A questão feminina no PCB (1925-1956)*: as mulheres na cultura política comunista. Tese (Doutorado em História) – UFMG, Belo Horizonte, MG, 2021.

SOUZA, Renato Dias de. Aspectos do debate historiográfico sobre Trombas e Formoso-GO. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA UFG/UCG, 2., 2009, Goiânia. *Anais...* Goiânia: Editora da UCG, 2009.

Fontes orais

MACHADO, Dirce [82 anos]. [ago. 2016]. Entrevistador: Paula Elise Ferreir Soares. Goiânia, GO, 16 ago. 2016.

Recebido em 14/05/2024

Versão final reapresentada em 26/09/2024

Aprovado em 29/09/2024

Contribuições dos autores: Rebelatto: pesquisa bibliográfica, análise dos dados e redação; Soares: concepção da pesquisa, gravação do depoimento, pesquisa bibliográfica, análise dos dados e redação.

Fonte de financiamento: nada a declarar.

Conflito de interesses: nada a declarar.